



FAMILIA Y EDUCACIÓN EN UN MUNDO EN CAMBIO

PROFISSIONAIS DE RVC: UMA NOVA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO CAMPO DA FORMAÇÃO DE ADULTOS

Catarina Fonseca Paulos

Técnica superior de Educação

Centro Novas Oportunidades do Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves.
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Os Profissionais de RVC na formação de adultos
Catarina Isabel Fonseca Paulos. Rua Melvin Jones, n.º 12, 8º D. 1600-867 Lisboa, Portugal
catpaulos@gmail.com. 00 351 93 931 20 30

Fecha de recepción: 4 de enero de 2012

Fecha de admisión: 15 de marzo de 2012

RESUMO

Esta investigação centra-se na análise do grupo ocupacional Profissionais de RVC (Profissionais de Reconhecimento e Validação de Competências), que se enquadra numa área relativamente recente da formação/educação de adultos em Portugal, que é o reconhecimento de adquiridos experienciais, que tem lugar nos Centros Novas Oportunidades (CNO). O estudo tem como objetivo principal analisar os percursos profissionais e as formas identitárias construídas pelos Profissionais de RVC e teve lugar num CNO da grande Lisboa. O instrumento de recolha de dados usado foi a entrevista de tipo semiestruturado. Os resultados permitiram obter uma visão mais alargada e profunda sobre este grupo ocupacional e das tensões que o atravessam.

Palavras-chave: formação, adultos, profissional de RVC, identidade

RVC PROFESSIONALS: A NEW OCCUPATIONAL ACTIVITY IN THE FIELD OF ADULT TRAINING

ABSTRACT

This research focuses on the analysis of the RVC Professionals occupational group (Professionals of Recognition and Validation of Competencies), which consists in a relatively new area in the adult training/education field in Portugal: the recognition of the experiential learning, taking place in New Opportunities Centres. This study's main goal is to analyze career paths and forms of identity built by RVC Professionals. It took place in one New Opportunities Centre of Greater Lisbon. The data collection instrument used was a semi-structured interview type. The results led to a broader and profound vision about this occupational group and its tensions.

Keywords: training, adults, RVC professional, identity



PROFISSIONAIS DE RVC: UMA NOVA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO CAMPO DA FORMAÇÃO DE ADULTOS

INTRODUÇÃO

O aparecimento de novas práticas educativas no campo da formação de adultos, nomeadamente no que diz respeito ao reconhecimento e validação de adquiridos experienciais, conduziu à transformação de alguns grupos ocupacionais já existentes (de formador para formador de RVC ou de professor para formador de RVC) e ao aparecimento de novos grupos ocupacionais (técnicos de diagnóstico e de encaminhamento e profissionais de RVC - Reconhecimento e Validação de Competências).

As práticas de reconhecimento de adquiridos experienciais partem do pressuposto que as pessoas aprendem através da experiência e que deve ser efetuada uma legitimação social desses adquiridos. Neste processo, o objetivo do Profissional de RVC é ajudar a pessoa a identificar os adquiridos experienciais, com base na globalidade do seu percurso de vida, e de estabelecer ligações com as competências do referencial (Cavaco, 2009). Os profissionais envolvidos nos processos de reconhecimento e validação de aprendizagens experienciais detêm uma função essencial ao nível da valorização dos adquiridos do indivíduo, de promoção da sua autoestima e autoimagem, de auxílio à consciencialização e explicitação das aprendizagens efetuadas, de apoio à construção da identidade e, por vezes, de reconciliação da pessoa com o seu percurso de vida (Pires, 2007).

A principal função do profissional de RVC assenta na fase do reconhecimento de competências, visando explorar os percursos de vida de cada adulto, de forma a evidenciar as competências do referencial, motivar e envolver os adultos em processos de reflexão, autoanálise, autorreconhecimento e autoavaliação. Este técnico intervém, ainda, na fase de validação de competências, ao emitir, juntamente com o formador, um parecer em relação às competências evidenciadas ao longo do processo. O profissional de RVC é o técnico que estabelece uma relação mais próxima com os adultos, promovendo a rememoração de experiências de vida, o diálogo, a explicitação das atividades para cada tarefa, a escrita, o debate, a cooperação e as relações interpessoais entre os elementos do grupo. Ao longo do processo de RVC, o profissional de RVC adota várias posturas, tais como animador, educador e acompanhador (Cavaco, 2007).

Na investigação partimos do pressuposto que os Profissionais de RVC constituem um novo grupo ocupacional que surgiu com os processos de reconhecimento, validação e certificação de competências nos Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, em 2001, e desde 2008 designados por Centros Novas Oportunidades. Como tal, tem todo o interesse analisar o percurso profissional anterior dos Profissionais de RVC e a forma como se veem a si próprios no contexto profissional, isto é, analisar a sua identidade profissional.

Para Dubar (1994), o termo identidade é abordado como uma marca de pertença a um coletivo, a um grupo ou a uma categoria, que permite aos indivíduos serem identificados pelos outros, mas também identificarem-se eles mesmos face aos outros. Dubar (1997) concetualiza a identidade enquanto processo relacional e enquanto processo biográfico. No primeiro caso tenta-se definir que tipo de pessoa um indivíduo é, isto é, a identidade para o outro – identidade “atribuída por outro”. Assim, é através das relações que estabelece e nas atividades que empreende que um indivíduo é identificado e é levado a aceitar ou a recusar as identificações que recebe dos outros e das instituições, havendo uma modelagem do indivíduo a partir da imagem e da definição que os outros têm dele. No segundo caso exprime-se o tipo de pessoa que um indivíduo deseja ser, isto é, a identidade para si, ocorrendo um processo de interiorização ativa e uma incorporação da identidade pelos próprios indivíduos.

As formas identitárias situam-se na interseção de processos biográficos de construção de si e de processos relacionais e institucionais de reconhecimento pelo outro. O ponto comum a estes dois processos heterogéneos foi designado de transação, como forma de exprimir o carácter cada vez mais interativo e recíproco das relações de trabalho e o carácter cada vez mais interiorizado e



FAMILIA Y EDUCACIÓN EN UN MUNDO EN CAMBIO

incerto das trajetórias profissionais. As formas identitárias constituem “cristalizações provisórias de formas socialmente legítimas do indivíduo se definir a si mesmo e de ser reconhecido pelos outros” (Dubar, 1994, p. 377).

Mendes (2005) refere que o indivíduo constrói a sua identidade a partir do ruído social e dos conflitos entre os vários agentes e locais de socialização, e não através da reprodução pelo idêntico, proveniente da socialização familiar ou do grupo de amigos. As identidades são, assim, ativadas “pelas contingências, pelas lutas, sendo permanentemente descobertas e reconstruídas na acção” (Mendes, 2005, p. 490). São relacionais e variadas, baseadas no reconhecimento efetuado pelos atores sociais e na diferenciação, desempenhando a interação um papel de destaque neste processo. Para este autor, a identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais.

As identidades formam-se a partir da narrativização do sujeito e das suas experiências de vida sociais, “constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas” (Mendes, 2005, p. 491). De forma análoga, Correia (2006) defende que a identidade é construída pelos indivíduos no decurso das suas trajetórias de vida, com o contributo da interação das instituições e do social-comunitário.

MÉTODO

A investigação tem como objetivo estudar as formas identitárias dos Profissionais de RVC, isto é, saber quem são, como aprenderam a desempenhar a sua função, conhecer a sua autoimagem, e os significados que atribuem a si mesmos e ao trabalho. O estudo empírico, de caráter exploratório, pretendeu dar resposta à seguinte questão: Que formas identitárias foram construídas pelos Profissionais de RVC?

Colocaram-se como questões secundárias:

- Quem são os Profissionais de RVC (em termos de formação inicial e contínua)?
- Como se caracterizam os seus percursos profissionais?
- Como aprenderam a desempenhar a sua função?
- Que imagem têm de si?
- Que significados atribuem a si mesmos e ao trabalho?
- Como avaliam o futuro da sua atividade profissional?
- Que projetos têm para o futuro?

O estudo exploratório ocorreu num CNO integrado numa escola do ensino público com o 3º ciclo do ensino básico e o nível secundário, na região da grande Lisboa. Neste estudo exploratório utilizou-se a metodologia qualitativa. Este tipo de metodologia é uma forma de recolha e de análise dos dados (Padgett, 1998) que se centra no modo como as pessoas interpretam e atribuem sentido às suas experiências de vida e ao meio onde vivem (Holloway, 1997).

Como técnicas de recolha de dados utilizou-se a análise bibliográfica, com o objetivo de esmiuçar de forma intensiva a informação relativa ao quadro teórico e ao objeto empírico, e a entrevista a informantes privilegiados em relação ao tema em estudo, com a finalidade de se efetuar um aprofundamento da informação.

Foi utilizada a entrevista de tipo semiestruturado. A entrevista é, de acordo com Punch (1998), uma ferramenta muito útil para se aceder às percepções, às definições das situações e às construções da realidade dos indivíduos. A entrevista tinha como base um guião constituído por um conjunto de pontos a explorar, organizados pelos seguintes blocos: percurso profissional anterior, prática profissional atual, estima de si e inclusão profissional, representações relativamente ao grupo ocupacional dos Profissionais de RVC e projetos para o futuro.



PROFISSIONAIS DE RVC: UMA NOVA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO CAMPO DA FORMAÇÃO DE ADULTOS

Com o consentimento dos entrevistados, as entrevistas foram registadas em suporte áudio para, posteriormente, serem analisadas ao nível do discurso. O tratamento dos dados provenientes das entrevistas foi efetuado recorrendo à análise de conteúdo (Bardin, 1995). Efetuou-se a “estruturação do significado das representações presentes nos discursos dos entrevistados” (Tavares, 2007, p.73), isto é, durante a abordagem da problemática em estudo, construída com base na discussão dos resultados da pesquisa empírica, são utilizados excertos de discursos diretos produzidos nas entrevistas.

RESULTADOS

No âmbito do estudo exploratório foram entrevistados quatro Profissionais de RVC, três do género feminino e um do género masculino, com idades compreendidas entre os 28 e os 35 anos. A formação de base enquadra-se na área das ciências sociais e humanas, uma vez que três são licenciados em Psicologia e um é licenciado em Sociologia.

Em termos de percurso profissional, todos os Profissionais de RVC estiveram inseridos profissionalmente. As experiências profissionais anteriores situam-se em campos distintos, sendo de salientar a prática de psicologia clínica, as áreas dos recursos humanos, comercial e administrativa, a psicologia educacional, programas de intervenção social, a formação de jovens e de adultos e o reconhecimento de adquiridos experienciais.

“Eu antes de entrar no CNO, quando cheguei a Portugal abri consultório, abri atividade clínica.” (E4)

“Entre na Adecco Recursos Humanos logo para fazer o estágio, neste passei para técnica de recrutamento e seleção, trabalhei como técnica de recrutamento e seleção durante um ano (...) Depois comecei a trabalhar na área comercial e depois implementei um projeto internacional...” (E1)

“Trabalhei numa editora, portanto entrei como fiel de armazém, depois passei para a parte da logística, já tratava com os fornecedores, faturas, outros tipos de situações. Depois passei para o departamento comercial, depois passei para o departamento de marketing, depois estive no departamento financeiro. (...) O último emprego era como administrativa, antes de vir para aqui, era uma mistura de administrativa com back office...” (E2)

“Ainda não tinha defendido a tese já estava a trabalhar num departamento de formação de um sindicato da função pública da CGTP. Estive lá à volta de 2 anos no departamento de formação, organizava a formação, essa também era uma experiência com adultos, organizava toda a parte de formação profissional, financiada pelo PRODEP (...) E depois saí, estive numa escola, na Escola P. V. como psicóloga, (...) Depois fui para o PETI, programa para a erradicação do trabalho infantil. (...) Estive a secretariar a direção dessa cadeia de parafarmácias durante sei lá um ano e meio se calhar. (...) E depois entrei no CEF e estive um ano no CEF. Depois um ano no CNO do Alcoitão e agora aqui há dois anos e meio.” (E3)

Duas das entrevistadas, antes de iniciarem funções no CNO alvo do estudo empírico, já possuíam experiência profissional como Profissional de RVC exercida em outros CNO localizados na grande Lisboa.

“Trabalhei um ano e picos na F, ali no P. V. (...) Era uma empresa de formação que tinha também um CNO (...) era Profissional de RVC também.” (E1)

“Já tinha uma experiência antes, também num CNO, estive um ano antes num centro da rede do IEFP.” (E3)

A aprendizagem do trabalho inerente à função de Profissional de RVC foi realizada através da leitura das publicações existentes sobre o processo de RVCC, nomeadamente, os referenciais de competências-chave, e através da passagem à prática, da transposição dos conceitos teóricos para a prática profissional, através de um processo de autoformação.



FAMILIA Y EDUCACIÓN EN UN MUNDO EN CAMBIO

“Na prática, não é, portanto na altura eles estavam a precisar urgentemente de uma pessoa e eu entrei sem saber ainda muito bem o que é que ia fazer e comecei a trabalhar, pronto. Cheguei à sessão e disseram, “olha, tens mais ou menos de explicar isto”, eu nem sabia bem o que era, ainda tinha dificuldades em dizer RVCC, não sabia bem o que é que significavam as siglas, levava sempre uma cabulazinha e inicialmente fui logo fazer entrevistas, mas isso como já tinha a experiência dos recursos humanos foi mais fácil e depois basicamente mandaram-me para uma sessão e foi tudo muito bater com a cabeça na parede a ver o que é” (E1)

Noutros casos, a aprendizagem foi efetuada através dos pares já detentores de experiência profissional neste campo, que funcionaram como formadores informais, num processo de hetero-formação, de explicitação dos procedimentos através dos quais se desenrola o reconhecimento de adquiridos experienciais e da observação participante da prática protagonizada pelos profissionais já experientes.

“Aqui aprendi muito com as minhas colegas que já tinham experiência de outros centros, assisti a uma ou outra sessão, dúvidas ia tirando (...) tivemos uma formação, em Dezembro [2008], portanto já foi um bocadinho tarde, mas sempre ajudou. Mas essencialmente aprendi diretamente nas sessões com as minhas colegas e também com os adultos ao me aperceber das dificuldades e das coisas que eu podia ir melhorando.” (E2)

A partilha de ideias sobre o processo de RVC e mecanismos de reflexão conjunta também contribuíram para o processo de aprendizagem da função de Profissional de RVC.

“...tivemos os primeiros meses, sei lá o primeiro mês, se calhar um mês sem pessoas, sem grupos, a reunir, a discutir, a refletir em conjunto, centrámo-nos no referencial, mas não só, trocámos muitas ideias... (...) ...para as primeiras sessões, nós todas fazíamos os diapositivos, quer para as minhas sessões, para as primeiras, elas ajudavam-me e vice-versa, mesmo nas áreas.” (E3)

A formação inicial, ministrada sob a tutela da Agência Nacional para a Qualificação (ANQ), também contribuiu para a aquisição de conhecimentos relativamente à prática profissional.

“Fiz as formações da ANQ. (...) Fizemos em Novembro parece-me, para aí em Novembro. Fiz uma de dois dias ou três dias da ANQ. Depois fui fazendo daquelas... nem tenho muito a ideia, sei lá, assim mais pontuais, encontros, seminários, não sei. Agora acho que há muito mais, mesmo assim. Depois quando entrei aqui, em 2008, fizemos em Novembro ou Dezembro a do Algarve.” (E3)

Para além da formação inicial, os Profissionais de RVC também efetuam formação contínua na área da educação e formação de adultos ao nível de encontros e trocas de experiências organizados por CNO. Duas das Profissionais de RVC estão a frequentar formação pós-graduada, tendo uma concluído um mestrado em educação e estando atualmente a frequentar um doutoramento na mesma área.

“...tenho ido, vou sempre às conferências, sempre que há. Já fui a algumas e agora fui às terceiras jornadas de educação e formação de adultos em Coimbra. Tento ir, porque a disponibilidade nem sempre é muita...”. (E1)

“Mas sinceramente parece-me mais positivo em termos de crescimento profissional ter feito, por exemplo, o mestrado em educação de adultos, e estar agora a fazer o doutoramento.” (E3)

Os profissionais de RVC entrevistados consideram que a sua atividade profissional ocupa um lugar de destaque no campo da formação de adultos. De qualquer forma, atualmente a educação/formação de adultos encontra-se praticamente restringida aos CNO, nomeadamente ao processo de RVCC e, em menor escala, aos cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA). Sendo o processo de RVCC uma modalidade educativa relativamente recente, não existem, ainda, muitas ideias pré-concebidas em relação aos profissionais que a dinamizam, sendo encarados de forma securizante e como uma fonte de motivação para as pessoas envolvidas no reconhecimento de adquiridos experienciais.



PROFISSIONAIS DE RVC: UMA NOVA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO CAMPO DA FORMAÇÃO DE ADULTOS

“Acho que nós somos a ligação que eles [adultos] têm com esta realidade, com que eles se deparam depois de tantos anos de não terem estudado... não é estudado, é de não terem estado confrontados com um sistema de ensino, seja ele qual for. (...) Acho que é importante o facto de ser uma figura completamente diferente da estrutura escolar que nós estamos habituados em termos de formação profissional.” (E1)

Os Profissionais de RVC trabalham com públicos heterogêneos em termos de faixas etárias e níveis socioeducativos. A certificação de adquiridos experienciais é um processo que assenta essencialmente no trabalho presencial com os adultos, mobilizando comportamentos de apoio, reforço, motivação e, muitas vezes, de *counselling*. Como tal, o exercício da função de Profissional de RVC requer uma formação sólida na área da comunicação, de técnicas de motivação, mediação interpessoal/negociação e gestão de conflitos. Para além disso, devido à diversidade de tarefas que são requeridas, umas do foro pedagógico e outras de carácter administrativo, é necessário que o Profissional de RVC tenha competências ao nível da organização.

“Eu acho que há um perfil específico, não tem necessariamente a ver com uma formação académica de base. Acho que há a necessidade de serem pessoas com a capacidade e tolerância de lidarem com os outros... com as outras pessoas, principalmente. (...) Nós às vezes fazemos quase o papel de “encarregados de educação” deles [formadores] e é preciso achar esse equilíbrio entre aquilo que são as áreas que eles têm de validar, entre as limitações da própria pessoa, ter esta capacidade de comunicação, de negociação, de falar com as pessoas, é essencial.” (E1)

“Eu acho que há dois elementos que caracterizam o Profissional de RVC. Um é a organização, ou seja, há vários níveis, portanto a organização burocrática porque tem que se organizar muitos papéis e tem que se estar atento a muitos processos para que isto passe pela normal evolução. E depois penso que o Profissional de RVC tem que ser uma pessoa... não sei se tem que ter alguma experiência, mas tem que ter alguma predisposição para a relação com as pessoas.” (E4)

“São profissionais que de alguma forma têm que estar dispostos a ouvir, têm de estar dispostos a acolher as histórias de vida, têm que ter essa capacidade para ouvir, uma predisposição para valorizar as pessoas, e aquilo que as pessoas têm de melhor e ajudá-las nesse próprio reconhecimento” (E3).

O Profissional de RVC efetua o acompanhamento e a monitorização dos adultos em processo de reconhecimento e validação de competências, efetuando contactos para averiguar determinadas ocorrências como faltas de assiduidade.

“Logo nas primeiras sessões tento ver o género de pessoas que constituem o grupo e depois tento ver se têm estado a faltar, se não, porque é que estão a faltar, telefone, é muito de... quase o papel de mãe.” (E2)

O Profissional de RVC é também o mediador entre os adultos e os formadores, funcionando como um moderador ao longo do processo de RVCC, evitando e gerindo eventuais conflitos que possam surgir entre os vários intervenientes.

“Somos o elo de ligação de tudo, tanto com formadores, como com adultos, ou seja, se nós não conseguimos lidar bem com uma das partes, reflete-se em várias coisas, tanto com adultos, como com os formadores, como no próprio centro. O centro, porque depois não rende como devia render, os formadores porque depois há conflitos e vão-se repercutir tanto no centro como com os adultos.” (E2)

Quando se questiona o que significa ser Profissional de RVC, as competências mais salientadas pelos Profissionais de RVC entrevistados são as competências interpessoais, ao nível da prestação de apoio, motivação e reforço.

“... o que eu valorizo mesmo é esta parte que eu disse há pouco, do acompanhamento, do apoio, do ouvir, do valorizar, valorizar aquilo que as pessoas têm de positivo, acho que isso é o mais importante.” (E3)



FAMILIA Y EDUCACIÓN EN UN MUNDO EN CAMBIO

Analisando a perspectiva de continuidade futura, a função de Profissional de RVC é encarada com alguma ambivalência: por um lado, considera-se que poderá haver um alargamento da área de intervenção e um maior reforço e protagonismo ao nível do papel desempenhado no campo da educação e formação de adultos; por outro lado, teme-se que os profissionais que desempenham esta função, com uma formação de base predominantemente da área das ciências sociais e humanas, possam ser substituídos por professores. A acrescentar, é salientado o poder da opinião pública, que por desconhecer o processo, ou por apenas conhecer algumas representações, poderá ter uma imagem negativa do reconhecimento de adquiridos experienciais.

“...acho que nos vão ser dadas, se calhar, mais competências em termos de trabalhar o referencial para libertar mais os formadores. Portanto, o processo vai ficar mais centralizado em nós e se continuar a haver essa distinção e continuar a haver essa diferenciação entre o profissional e os restantes formadores, acho que pode ser positivo.” (E1)

“Acho que se não terminar agora em Agosto, termina brevemente porque é um processo que não é... acho eu pela opinião pública não é bem visto. (...) ...os políticos também não veem muito bem este processo, eu acho que, infelizmente, o nosso futuro não deve ser assim, pelo menos nesta área muito risonho, deve ter o tempo contado.” (E2)

“Acho que há tanta incerteza que não sei. Acho que tendencialmente, em termos de número vai diminuir bastante, em termos de função poder-se-á manter, mas mais residualmente, em termos de número de profissionais mais concretamente.” (E3)

A continuidade da função de Profissional de RVC é percecionada como estando dependente de um reforço em termos de competências de intervenção, quer ao nível mais restrito do processo de RVCC, quer ao nível mais alargado da educação de adultos em geral, e do aumento de legitimidade conferida pela sociedade.

“Agora, eu acho que o Profissional de RVC vai tanto mais continuar, se calhar, quanto mais souber dar respostas a algumas das necessidades e exigências que vão tendo os adultos que vão frequentando este processo [RVCC]. (...) Eu acho que o Profissional de RVC vai ter que se calhar no futuro fazer uma articulação entre a componente educativa e formativa que tem o processo de RVCC e, ao mesmo tempo, se calhar, uma integração maior com o mundo do trabalho.” (E4)

Em termos de projetos profissionais analisados numa perspectiva de futuro, os Profissionais de RVC entrevistados focam o desejo de continuidade do desempenho da função, o prosseguimento da frequência de formação pós-graduada e a implementação de ações relacionadas com a formação de base. No caso de um dos Profissionais de RVC entrevistados, o prosseguimento da atividade profissional é analisado de forma crítica, delineando uma estratégia de alteração ao funcionamento dos processos de reconhecimento de adquiridos experienciais.

“Tenho como projeto base e principal, a construção de um centro terapêutico para adolescentes que funcione muito em rede. (...) Em termos de RVC gostava, por exemplo, de conseguir implementar um esquema qualquer de motivação dos adultos, portanto, um esquema que permitisse não começar imediatamente com o processo...” (E4)

“...o único projeto que tenho, é terminar o mestrado. (...) O meu projeto mais concreto e imediato é mesmo terminar o mestrado e depois ver se o contrato é renovado...” (E2)

“...em termos pessoais, tenho o doutoramento... (...) Em termos profissionais estou um bocadinho à espera de ver o que é que acontece, mas acho que tenho que começar a pensar se calhar em enviar currículos.” (E3)

Num caso, é referida a situação ambivalente de não se pretender, a longo prazo, dar continuidade ao desempenho da função de Profissional de RVC, mas também não são apontadas alternativas.

“Não me vejo a ser... nem que isto continue para sempre, não me vejo a ser profissional de RVC para sempre, mas sinceramente também não vejo ainda nada que me diga assim “há! Gostava mesmo de fazer aquilo”. (E1)



PROFISSIONAIS DE RVC: UMA NOVA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO CAMPO DA FORMAÇÃO DE ADULTOS

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar é importante referir que não se pretendem retirar conclusões generalizáveis, uma vez que o estudo empírico desenvolvido é meramente exploratório, visando apenas obter elementos sobre os Profissionais de RVC, grupo cuja atividade se insere no campo da formação e educação de adultos.

A atividade laboral desenvolvida pelos Profissionais de RVC pode-se integrar no domínio que Demailly (2008) designa de atividades de relação, caracterizadas pela exigência de competências relacionais. Os Profissionais de RVC reivindicam uma imagem sobre si próprios centrada essencialmente na componente de relação. Encaram a sua atividade profissional como estando fortemente focalizada na prestação de apoio e de suporte ao longo do processo de reconhecimento de adquiridos experienciais, funcionando por um lado, como dinamizadores e orientadores das atividades e tarefas em que se estrutura o processo e, por outro, como mediadores e prestadores de apoio e de motivação.

O reconhecimento de adquiridos experienciais é uma prática educativa recente “que permite encarar o adulto como o principal recurso da sua formação” (Canário, 2008, p. 112), resultante de uma iniciativa governamental, inserida num contexto mais vasto de políticas ligadas à promoção da aprendizagem ao longo da vida. Devido à deficiência de estruturas sociais e organizativas que ajudem a legitimar esta atividade profissional, a continuidade futura desta atividade profissional é avaliada de forma incerta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Canário, R. (2008). *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: EDUCA.
- Cavaco, C. (2007). Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências: Complexidade e novas actividades profissionais. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, 21-34. Consultado em Fevereiro de 2012 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Cavaco, C. (2009). *Adultos pouco escolarizados. Políticas e práticas de formação*. Lisboa: Educa.
- Correia, J. A. (2006). Prefácio. In C. Dubar, *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Demailly, L. (2008). *Politiques de la relation. Approche sociologique des métiers et activités professionnelles relationnelles*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Dubar, C. (1994). Identités collectives et individuelles dans le champ professionnel. In M. Coster, F. Pichault (Dir.), *Traité de sociologie du travail*. Bruxelles: De Boeck-Wesmael.
- Dubar, C. (1997). *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Holloway, I. (1997). *Basic concepts for qualitative research*. Oxford: Blackwell Science.
- Mendes, J. M. O. (2005). O desafio das identidades. In B. S. Santos (Org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* (pp. 489-523). Porto: Edições Afrontamento.
- Padgett, D. (1998). *Qualitative methods in social work research: Challenges and rewards*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Pires, A. L. O. (2007). Reconhecimento e validação das aprendizagens experienciais. Uma problemática educativa. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, 5-20. Consultado em Fevereiro de 2012 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Punch, K. (1998). *Introduction to social research. Quantitative and qualitative approaches*. London: Sage Publications.
- Tavares, D. (2007). *Escola e identidade profissional: O caso dos técnicos de cardiopneumologia*. Lisboa: Edições Colibri.